

HOMENAGEM AO GENERAL FRANCISCO DA COSTA GOMES LEVADA A EFEITO EM
CHAVES NO DIA DO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO – 30.06.2014
TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmos Senhores

Presidente da Câmara Municipal da Chaves
General Chefe de Estado-maior General das Forças Armadas
General Chefe do Estado-maior do Exército
Presidente da Assembleia Municipal de Chaves
Deputados à Assembleia da República
Oficiais Gerais
Secretario Geral da Presidência da Republica
Diretor do Museu da Presidência da Republica
Entidades civis militares e religiosas
Minhas senhoras e meus senhores

É uma honra poder juntar-me a esta homenagem ao Marechal Francisco da Costa Gomes promovida pelas gentes da sua terra natal. Foi precisamente no passado dia 23 de Setembro de 2013, a última vez que estive com o Marechal Costa Gomes. Permitam-me que comece pois por vos transmitir o monólogo que com ele tive enquanto Presidente da Liga dos Combatentes. Disse então:

*“Estão perante nós os restos mortais de um Menino da Luz!
O Menino da Luz que foi depois soldado!
De um soldado que foi combatente!
De um combatente que foi Marechal!
De um Marechal que foi Presidente da República!
De um Presidente da República que foi Torre e Espada, Valor, Lealdade e Mérito.”*

Hoje, dizia eu então, V^{as} Exas juntaram-se à Liga dos Combatentes, para acompanhar os recentemente exumados restos mortais do Marechal Francisco da Costa Gomes, a esta cripta no talhão da Liga dos Combatentes no cemitério do Alto de S. João em mais uma homenagem á sua memória.

Junta-se a 7.400 soldados de Portugal que aqui têm um espaço perpétuo, ficando lado a lado com o Marechal Gomes da Costa e o Marechal Spínola, marechais combatentes do Séc. XX.

Aqueles que tiveram o privilégio de com ele conviver ou servir recordam o camarada, o chefe, o comandante, o comandante-chefe ou o presidente da república que serviu as forças armadas, Portugal e os portugueses num período difícil da sua história numa forma influente, exemplar e muito própria.

Quiseram as circunstâncias que um seu subordinado direto em campanha aqui estivesse hoje como Presidente da Liga dos Combatentes, neste momento singular, a recordar e a testemunhar as qualidades como Comandante-Chefe e a sua capacidade de audição,

diálogo e decisão em ambiente de conflito que em Angola conduziram a resultados militares e políticos extraordinários, excepcionais e muito importantes.

Sublinho igualmente a imagem de lucidez, tranquilidade e equilíbrio que paira no imaginário dos portugueses, quer na sua ação do período do 25 de Abril, quer quando, como Presidente da República, criou as condições que permitiram encontrar o caminho da democracia.

Também lhe dizemos que recordámos com saudade a sua esposa D^a Estela, que tão dedicadamente sempre o acompanhou, e a quem tão profundamente se dedicou. Aos portugueses, a Liga dos Combatentes garante que os restos mortais do Marechal Francisco da Costa Gomes continuarão vivos na cripta dos marechais do talhão da Liga dos Combatentes do cemitério do Alto de S. João, onde irá definitivamente repousar ao lado dos seus soldados.

A Liga dos Combatentes cumprirá o seu lema: Nunca o esquecemos, Nunca o esqueceremos, foi soldado de Portugal.”

Este encontro deu-se 12 anos depois de com ele ter estado pela última vez na Basílica da Estrela, no dia 1 de Agosto de 2001.

O tempo acabava de pôr fim à sua vida. Junto à sua urna revivi 30 anos de amizade e 2 anos de convivência em situações difíceis de campanha com um HOMEM que comandara 62.000 homens dos quais mais de 40% de cor, e com eles obtivera uma vitória militar numa guerra de guerrilha que a História um dia reconhecerá.

Senti-me então naquele momento triste, mas interiormente recompensado e feliz por ter partilhado a sua amizade e dele ter estado muito perto nas difíceis decisões que tomou em Angola, ter sido um dos 62.000, ter sentido os seus problemas, as suas angústias e por vezes a sua revolta contida e as suas alegrias.

Convivi intensamente com o Marechal Costa Gomes num período da sua vida militar e foi como militar que o conheci e admirei. É fundamentalmente nessa vertente que falarei do Marechal Costa Gomes, Comandante-Chefe das forças armadas em Angola e depois Marechal.

Angola, no ano de 1970, conheceu um novo Comandante-chefe das suas Forças Armadas: - *General Francisco da Costa Gomes*.

Recordo o dia de Março daquele ano em que o conheci. Estando no átrio da Fortaleza onde se encontrava instalado o Comando Chefe das Forças Armadas de Angola, aguardando uma audiência do ainda Comandante-chefe General Anacoreta Viana, levantei-me e fiz o cumprimento militar. Sabia que ia ser o meu novo Comandante-chefe. Não sabia que iria ser, após dois anos de trabalho conjunto, em ambiente de guerra, um amigo. Como Major, desempenhava as funções de Subchefe da Repartição de Operações do Quartel General da Região Militar de Angola, num período em que a guerra se desenvolvia de uma forma menos clara para as Nossas Forças. Enquanto o inimigo

mudara o esforço da sua luta do Norte para o Leste de Angola desde 1966, e ameaçava agora alcançar o planalto de Nova Lisboa, as nossas Forças continuavam a exercer o esforço no Norte de Angola desde 1961.

O General Costa Gomes assumiria o seu Comando de modo SÓBRIO e SIMPLES. Passados alguns dias fui surpreendido pela primeira ação de comando do novo Comandante-chefe. Um ofício com meia dúzia de linhas dirigidos aos três Comandantes das Regiões Militar, Naval e Aérea, caía sobre a minha secretária. O seu conteúdo marcar-me-ia profundamente. Determinava apenas que a guerra devia ser conduzida de forma mais HUMANA possível. As aparentes pequenas coisas marcam os Grandes Homens.

Marcou assim em permanência a conduta das operações em Angola. E este conceito estendia-se tanto às populações sob controlo das nossas forças, como às populações sob controlo do adversário como aos elementos capturados em ações de guerra. Determina então a investigação no âmbito da Disciplina sempre que algum caso menos claro sucedesse.

Em Maio de 1970, cerca de dois meses após assumir o comando, foi-me determinado que, como responsável então pela Repartição de operações da Região Militar de Angola, e na presença do meu Comandante da Região Militar General Oliveira e Sousa e do seu Chefe de Estado-maior hoje General Altino de Magalhães, fizesse uma exposição sobre o estudo da situação operacional que havia feito.

Em síntese, propunha que o esforço da ação estratégica operacional em Angola mudasse de Norte para Leste. O inimigo ameaçava o coração de Angola, Nova Lisboa. Estávamos em 1970. Sem reforços a vir de Lisboa, a alteração profunda do dispositivo implicava coragem para retirar forças de zonas tradicionais do conflito e a necessidade de disponibilizar sete batalhões para reforçar o Leste, a obter do Norte e do Centro, implicava a mudança do esforço operacional e logístico e o emprego total das reservas logísticas disponíveis das forças terrestres.

A Força Aérea igualmente teria que alterar o seu esforço operacional e logístico. Foi a maior operação em Angola após 1961 Depois de três horas de exposição arrisquei a pergunta: “- Então, meu General, qual é a sua decisão?”. Numa voz característica e inconfundível respondeu: - “Isto é para executar

A capacidade de análise de situações difíceis servida por uma inteligência e astúcia invulgares permitia-lhe dois meses após a assunção do comando tomar uma decisão que se impunha mas que se vinha arrastando havia longo tempo. Este dia marcaria decisivamente a conduta da guerra em Angola e a História das operações. E o General Costa Gomes decidiu.

Com base nessa concordância verbal e por diretivas sucessivas da região militar, a partir de Maio de 1970 e até Outubro desse ano foi preparado o novo dispositivo e composição das forças da zona militar leste que o novo comando viria a assumir a partir de Março de 1971.

Na sequência desta profunda remodelação da manobra estratégica e do dispositivo que ao longo de meses foi materializando o esforço militar a Leste, a 13 de Novembro de 1971, o General Costa Gomes apresentava em Conselho Provincial o seu conceito para a defesa de Angola que viria a ser aprovado por despacho do MDN de 8 de Fev de 1971.

Também pela primeira vez em Angola o Comandante-chefe assumia finalmente o Comando Completo das forças terrestres, navais e aéreas passando a dispor para isso de um quartel-general que até aí não tinha.

Com Coragem e rompendo as rotinas da conduta da guerra, passa ao seu comando operacional todos os comandos e forças. (Dir 1/71)

A Lucidez Estratégica desta decisão daria novo impulso à conduta da atividade operacional. A centralização do Comando nas suas mãos não significava ânsia de poder mas realismo estratégico. A Autoridade que acabava de assumir iria ser em parte delegada nos comandos subordinados.

Na Zona Militar Norte a área dos Dembos (Área Militar NR1) e a contenção da subversão para Sul, continuavam a merecer um cuidado especial como que definindo um esforço secundário.

Sempre Atento, Profundo Conhecedor do problema operacional e logístico, contemplado pela experiência de comissões em Macau e Moçambique, nunca utilizou esse palco para se evidenciar ou agir negativamente contra qualquer seu subordinado. Impunha-se pelo seu Tratamento Afável e Amigo.

Sempre Cuidadoso no exercer da autoridade e no contacto com os seus subordinados. Quando um dia durante a materialização do esforço a Leste foi decidido criar um sector nas Lundas e foi necessário nomear um Comandante de Sector, normalmente oficial general, entre os Comandantes de Batalhão, que eram Coronéis, determinou-me que me deslocasse especificamente a Dala e a Henrique de Carvalho para que verbalmente transmitisse pessoalmente as intenções do Comandante-chefe e foi com a compreensão e aceitação dos próprios que a decisão foi tomada.

De Contacto frequente com as unidades, menosprezando as comodidades pessoais, mas sempre atento e Exigente no bem-estar das suas tropas, usando um camuflado que lhe emprestava uma figura inconfundível, sugerindo por vezes um Bonacheirão Interiormente Determinado, nunca o vi deixar de fazer o Sinal da Cruz sempre que iniciava uma viagem de viatura ou de avião, para efetuar visitas ou Dirigir Operações ao seu nível.

As relações com Lisboa, Discretas, nunca foram teatrais e sempre através dos Relatórios Trimestrais de Comando transmitiu de forma corajosa, frontal e verdadeira a situação que se vivia.

Um dia determinou-me que o acompanhasse a Lisboa, onde vinha fazer uma exposição ao Conselho de Defesa Nacional. Após a exposição verifiquei que os outros

Comandantes-chefes, de Moçambique e da Guiné, haviam feito uma intervenção na Televisão. Sugeriu e insisti com o General Costa Gomes para que também o fizesse. Respondeu-me que não o faria. Que a guerra se ganhava no terreno e não na propaganda televisiva. Mais uma vez a sua Modéstia Autêntica, a Medida Convicção nas Atitudes e o Bom Senso se me revelaram.

Começavam a estar concluídas as profundas alterações estruturais e a sentir-se a sua ação de Comando quando um dia recebeu, em Nova Lisboa, uma delegação dos Deputados da Assembleia Nacional, incluindo deputados da Ala Liberal e lhes apresentou um extenso briefing da ainda difícil situação operacional, da contrassubversão e de ação psicológica relativa ao inimigo e às nossas forças. Após os briefings dos seus oficiais de estado-maior, limitar-se-ia a dizer: “Esta é a situação que se vive em Angola. Têm alguma pergunta a fazer?” Um Notável Chefe Militar escondia-se na sua modéstia na sua modéstia e na sua contenção política.

Os resultados de todas as medidas tomadas no âmbito da Contra Subversão incluindo o vetor militar, onde nunca menosprezou as informações, começavam a dar o seu resultado. Por seu lado, a ação de comando civil – militar na ZML mostrava-se extremamente positiva na redução da atividade inimiga. Altamente positivos seriam os anos de 1972 e 1973 onde, para além da coação militar, procurou o Diálogo com sectores adversos. No ano de 1974, quando ocorre o 25 de Abril, podia afirmar-se que militarmente a atividade inimiga estava reduzida a uma pequena bolsa nos tradicionais Dembos e a vida decorria em Angola com normalidade e assinalando desenvolvimento.

O General Costa Gomes podia sem dúvida ser apontado como o Homem que, como Comandante-chefe das Forças Armadas de Angola, obtivera uma vitória militar neste tipo de guerra subversiva. Só por isso mereceria a honra de ser elevado à Dignidade de Marechal como outros Grandes Chefes Militares Contemporâneos o foram, por feitos militares.

Regressei a Lisboa primeiro que o Comandante-chefe que me habituei a admirar. Em Janeiro de 1975, já Presidente da República, convidou-me para a sua casa militar. Respondi-lhe que se entendesse que eu não deveria ser mobilizado, estando para o ser, que me nomeasse para a sua casa militar. Não o fez.

Fui nomeado para Macau. Várias vezes me disse que eu não quisera voltar a trabalhar com ele.

Quando no chamado verão quente de 1975 era então major, de Macau trouxe a proposta do Estatuto de Macau e a legislação necessária à reorganização das Forças Armadas e Militarizadas do Território, após três meses de dificuldades, foi a sua intervenção e decisão que conduziu o processo com a Sabedoria Política necessária à sua aprovação pelo Conselho da Revolução.

Quando interpretando a carta de comando do Comandante-Chefe para reorganização das forças armadas e militarizadas lhe disse pensar manter apenas uma companhia das FA em Macau, disse-me: “Um pelotão chega”. Interpretei esta sua resposta como não

sendo de manter qualquer elemento das forças armadas no território e a Segurança externa dever ser feita, de facto, através de meios diplomáticos. E assim aconteceu.

Em Macau o ano de 1975 foi tão quente como o Verão quente de 1975 em Lisboa, e o viria a ser também em Timor. A contradição entre os militares em serviço em Macau agudizou-se e alguns viam a sua comissão de serviço no território terminada, por despacho do Governador e Comandante-chefe. Desempenhava eu então as funções de Chefe de Estado-maior do Comandante-chefe.

Face aos acontecimentos de Maio de 1975, foi recebida uma mensagem da Presidência da República a mandar comparecer o Governador em Lisboa. Foi então decidido que viria eu a Lisboa. Fui recebido pelo General Costa Gomes. Tivemos uma longa conversa em que lhe transmiti o que acontecera em Macau. Durante a conversa não obtive qualquer sinal do que iria acontecer. Terminado o encontro, e quando ele próprio me abria a porta para me despedir, perguntei: “Meu General, o Governador fica, não fica?”. Respondeu: “Fica”. Mais uma vez curto, preciso e conciso. Tal como fizera quando em Angola me disse: “isto é para executar.”

Os caminhos e as missões nos anos que se seguiram afastaram-nos naturalmente. Apenas nos encontrávamos em reuniões sociais. Aí disse-me um dia: “Estão as escrever as minhas memórias em Coimbra. Gostaria que me desse alguns elementos sobre o nosso trabalho em Angola.” Assim fiz. O livro “O último Marechal” ignora esse facto, embora ele estivesse pessoalmente convencido que ali lhe seria dado o devido relevo. Felizmente o General Costa Gomes e Comandante-Chefe que eu conheci nada têm a ver com o Marechal ali entrevistado.

Decidi então escrever uma Carta Aberta ao Marechal Costa Gomes, que lhe transmiti mas nunca viria a publicar. Hoje que na sua terra, se homenageia o Homem que conheci, e dado que o livro “O Último Marechal” permanecerá, é o momento para publicamente e democraticamente dar a conhecer o que transmiti ao Marechal Costa Gomes sobre o livro que retracta alguém que felizmente eu não conheci. Ficaria mal com a minha consciência se o não fizesse hoje revelando parte dessa carta. Escrevi então:

“Achei natural V. Ex^a. ter-me pedido, há mais de um ano, alguns elementos sobre a guerra em Angola do período em que a vivemos muito próximos, tendo mesmo referido que um entrevistador um dia contactaria comigo para o efeito, o que nunca viria a acontecer.

Nem estranhei quando uns dias antes do lançamento do seu livro V. Ex^a me tenha dito publicamente que ia fazer o lançamento do mesmo e que eu seria sua testemunha. Li-o nessa noite, em especial o que dizia respeito à chamada guerra em África. Fiquei ao mesmo tempo triste e com um certo sentimento de revolta. Perplexo e com um sentimento de dúvida sobre o conteúdo do livro, as intenções da investigação e os verdadeiros objetivos de V. Ex^a.

O Marechal anti Colégio Militar, anti cadete, anti farda, anti Exército, anti Forças Armadas, anti guerra contra os guerrilheiros, anti guerra colonial, anti político, anti

Kaúlza, anti Spínola, anti revolucionário, anti regime, enfim até anti Costa Gomes, tal como eu o conheço.

Meu Marechal será possível tratar o problema de Angola tão ligeiramente como seja reduzi-lo ao problema dos Flechas, da PIDE, dos Catangueses e dos GE? Resolver o problema de Angola atingindo o objetivo estratégico da conquista das populações, negando o combate contra os guerrilheiros e conseqüentemente os próprios Planos de Contra Subversão e Plano da Manobra Militar. Não, o meu Marechal não escreveria este livro. Este não é o livro do militar brilhante que obteve resultados de natureza militar ímpares no âmbito do combate a uma situação de subversão.

Mas o que me preocupa mais é estar convencido de que o Senhor Marechal estava convencido que o seu livro ia referir isso. Só assim V^a Ex^a me poderia ter considerado como sua testemunha no livro dois dias antes do seu lançamento. Ou seja, o livro que V^a Ex^a julga que foi publicado afinal não o terá sido. Aquilo que V^a Ex^a julga que consta do livro afinal não consta. Embora na sua apresentação tivesse sido referido que o que dele consta, ou não, teve sempre o acordo do meu Marechal.

Termino informando o meu Marechal de que não encontrei nada neste livro em termos militares de que V^a Ex^a me pudesse considerar sua testemunha, embora V^a Ex^a esteja convencido disso. Este não é o seu livro. Este é o livro do Último Marechal e V^a Ex^a não será certamente o último Marechal das Forças Armadas Portuguesas. Não deixe de contar com a minha amizade e é por seu amigo que decidi dar publicidade a este meu sentimento.”

Foi posteriormente publicada uma biografia do Marechal Costa Gomes intitulada “Marechal Costa Gomes no centro da tempestade” de autoria de Luís Nunes Rodrigues, que retracta condignamente a figura do homenageado de hoje. Não conheço o autor mas recomendo a sua leitura.

O Marechal Costa Gomes nascido nesta cidade há precisamente 100 anos, ano do início da I Grande Guerra, foi marcado por uma juventude a quem faltou muito cedo o pai, combatente em África, razão pela qual facilmente entrou no Colégio Militar (1924), onde se integrou naqueles a quem a família se contactava de ano a ano, face às dificuldades financeiras e às deficientes acessibilidades que então caracterizavam o seu berço natal.

Isso permitiu-lhe conhecer as vantagens de ser Menino da Luz e os inconvenientes de um duro internato e de uma dura vivência com um violento ambiente social e político de Lisboa, que o marca definitivamente para o enfrentar da vida, resolvendo os seus próprios problemas a sós e pensando pela sua própria cabeça. A formação que, já militar, decide fazer licenciando-se em Matemática no Porto, dá-lhe o estilo sintético, de poucas palavras, de rigor e sobriedade que o marcará a vida inteira. Uma leitura da sua vida militar permite rapidamente concluir que terá sido no seu tempo de jovem oficial, capitão e major, o melhor conhecedor do então Ultramar, como militar e político (secretário de Estado do exército), nomeadamente antes de 1961, onde tem uma opinião concreta e estratégica sobre qual deverá ser em termos militares o posicionamento político no Oriente português

Reduzindo ao mínimo os efetivos militares na Índia, Macau e Timor, por militarmente indefensáveis, não teve ouvidos em termos políticos, tendo resultado daí missões políticas atribuídas, que não corresponderam ao pensamento militar e meios disponíveis.

Depois de 1961 como Comandante de Moçambique e de Angola em situação de conflito e ambiente de guerra subversiva e de guerrilha, com a sua experiência militar e política, tornou-se o Comandante – Chefe que utilizando em menor grau a propaganda que a televisão e os órgãos de comunicação social proporcionam, atingiu os melhores resultados em campanha.

A ideia do homem indeciso, que alguns lhe criaram, não corresponde ao seu comportamento mental. De facto, as suas decisões surgiram sempre que todas as incógnitas tivessem sido resolvidas e o resultado matemático correspondia à decisão final que tomava. Até lá, parecia que estava em expectativa estratégica ou num mundo à parte. Por isso, após decidir, era firme. A ação do General Costa Gomes como Presidente da República é conhecida. A imagem que ficou é de que no período revolucionário ele foi o fiel da balança que evitou a guerra civil.

Já não direi o mesmo quanto à forma e o momento como decidiu declarar a independência de Angola. Após deixar o cargo de Presidente da República, e tendo-se mostrado disponível para continuar a ser útil ao País, não foi possível encontrar através dos poderes instituídos, uma função que fosse consensual. Em face disso, aderiu ao Conselho Mundial da Paz, e desenvolveu atividades de âmbito internacional a favor da Paz e do desarmamento, nomeadamente do nuclear.

Quando um dia lhe perguntei porque tinha optado por fazer parte deste grupo internacional, respondeu-me que apenas se batia pelo desarmamento e pela paz e que isso era uma forma de ser útil ao País e ao mundo.

A controvérsia que por vezes atravessa o horizonte nas referências que lhe são feitas, são grão de areia na extensa praia dos Ímpares, Variados e Relevantes Serviços que o Marechal Costa Gomes prestou a Portugal como Militar, político e como Cidadão, em amplos e diversificados Teatros de Operações, como Comandante-chefe das Forças Armadas e com Presidente da República.

Por tudo isto o Marechal Costa Gomes é hoje membro honorário da Liga dos Combatentes e membro de honra da Associação 25 de Abril. Não será por acaso que se ouvem repetidas vezes - e são pacificamente aceite pelos portugueses - as frases: - “A Guerra em Angola estava ganha” e “evitou a guerra civil”. É esta a Homenagem que os portugueses anónimos lhe prestam e continuarão a prestar. A minha homenagem, porque o vivi, foi escrever o que dele penso.

No centenário do seu nascimento foi uma honra para mim, poder dar o meu testemunho pessoal. Agradeço mais uma vez ter podido fazê-lo junto de vós neste dia.